

Mercado S/A



AMAURI SEGALLA
amaurisegalla@diariosassociados.com.br

Com a eleição presidencial, a praga das fake news tende a se alastrar em plataformas como Twitter, Instagram, Facebook e WhatsApp

Brasil deixa de ser chamariz para investimentos

Na última década, o Brasil saiu do radar das grandes empresas como um destino de investimentos. É isso o que mostra uma pesquisa feita pela consultoria PwC, que entrevistou presidentes de companhias em diversas partes do mundo. Em 2013, o país ocupava a terceira posição entre os principais mercados estratégicos para os CEOs. Agora, está em décimo lugar. No estudo atual, apenas 5% dos entrevistados colocaram o Brasil como um de seus focos. O baixo crescimento é a razão para o desinteresse.

Getty Images



Djokovic corre risco de perder patrocinadores

O papelão do tenista sérvio Novak Djokovic, que foi deportado da Austrália por não ter se vacinado contra a covid-19, deverá pesar no bolso do alteta. A grife Lacoste, uma de suas patrocinadoras, soltou um comunicado enigmático. "Assim que possível, entraremos em contato com Novak Djokovic para revisar os eventos que acompanharão a sua presença na Austrália", disse a empresa. O contrato de Djokovic com a Lacoste é de US\$ 9 milhões. Ele também recebe apoio financeiro da Asics e da Peugeot.

CAPITAL EXTERNO

Investidor deixa Brasil de lado

País cai no ranking dos mercados preferidos por empresas e fundos internacionais que movimentam bilhões de dólares

» FERNANDA STRICKLAND
» MARIA EDUARDA ANGELI*

O Brasil despencou na preferência dos investidores. Em 2013, o país era o terceiro na lista dos mais interessantes para os executivos de empresas de investimentos. Agora, ocupa a 10ª posição, sendo considerado estratégico na opinião de apenas 5% dos entrevistados de pesquisa da consultoria PwC, que realiza estudos anualmente com CEOs globais.

No ano passado, o Brasil estava na 8ª posição, mas foi superado por Canadá e Austrália. Em primeiro lugar no levantamento estão os Estados Unidos (41% das respostas), seguidos por China (27%) e Alemanha (18%). Os motivos para o desencanto com o Brasil estão relacionados à baixíssima expectativa de crescimento

econômico, ao cenário político local e à questão ambiental — apenas 27% das empresas nacionais adotaram a meta de emissão de carbono zero. Assim, o país perdeu relevância no mercado, avalia o presidente da PwC, Marco Castro.

Na visão de 69% dos participantes do estudo, a instabilidade macroeconômica é a principal preocupação, além de riscos cibernéticos (50%). As altas taxas de desemprego e o temor de instabilidade ainda maior com a aproximação das eleições também afetam o desempenho do país. A análise faz sentido, visto que opiniões coletadas pelo Boletim Focus do Banco Central, por exemplo, preveem crescimento para 2022 de cerca de apenas 0,29% — número que vem caindo desde os primeiros dias do ano. A situação também tem levado

Crédito: Reprodução/Divulgação



Ford anunciou saída do país no início do ano passado

empresas estrangeiras a deixar o país. É o caso da montadora Ford, das operações da Mercedes-Benz na cidade de Iracemópolis (SP) e da produção de TVs, áudio e câmeras da Sony. Apesar da cena

geral negativa, um setor segue otimista: o de private equity. A postura tem a ver com o grande número de fusões e aquisições no ano passado, que movimentaram mais de US\$ 5,6 trilhões.

No Brasil, o aumento nesse tipo de operação foi de 52%.

Vale lembrar, no entanto, que dados do FMI e de outras grandes consultorias e instituições financeiras apontam que o Brasil deve ter o pior desempenho entre 12 países emergentes, com previsão de alta de 1,5% no PIB, contra 5,1% para os outros 11.

O economista William Baghdassarian explicou que esses investidores são relevantes porque temos um problema de financiamento externo. "Exportamos mais do que importamos, mas, quando pegamos toda o balanço, precisamos de recursos externos para fechar a conta. Os valores são elevados, de US\$ 50 bilhões a US\$ 80 bilhões, dependendo do ano."

Além disso, desde 2014 o país não tem superávit nas contas públicas. "Isso resulta numa

capacidade cada vez menor do país em fazer investimento público", destaca Baghdassarian. "Aqui, há muito tempo não temos episódios, por exemplo, de repúdio de dívida. Porém, sistematicamente o governo muda as regras do jogo, tornando a economia não amigável para investidores", comentou.

O economista ressalta que, em vez de trazer estabilidade e confiança para a economia, o presidente da República acaba gerando muita incerteza. "No 7 de setembro do ano passado, ele juntou milhares de caminhoneiros em Brasília com a expectativa de que invadiriam o Supremo", exemplificou Baghdassarian. Para ele, o investidor não vai ser "maluco" de investir em um país que tenha essas ações.

*Estagiária sob a supervisão de Odail Figueiredo

CORREIO TALKS

Avanço da tecnologia em debate

A tecnologia tem evoluído numa velocidade sem precedentes nos últimos anos e está cada vez mais presente na economia, na cultura e no dia a dia das pessoas. Com as mudanças, as pessoas começaram a se interessar mais por realidades completamente virtuais, e comprar coisas que existem apenas no plano virtual, como obras de arte, está se tornando comum.

Recentemente, a "Everydays: The first 5.000 days", obra criada pelo artista digital Mike "Beeple" Winkelmann foi vendida por

US\$ 69,3 milhões. A obra não existe no mundo físico.

Nesta quarta-feira, 19, o *CB Talks Live* promoverá um debate sobre "os impactos da revolução tecnológica na vida das pessoas". O evento, que será realizado pelo *Correio Braziliense* com patrocínio da Senac Faculdade de Tecnologia e Inovação, receberá três grandes nomes dos estudos de tecnologia e futurismo no Brasil.

Tony Ventura, palestrante internacional e pesquisador de novas tecnologias vai falar sobre a maior feira de tecnologia do

mundo — a CES Las Vegas. Fábio Galvão, coordenador de Inovação Senac-DF abordará o futuro da educação diante da inovação tecnológica. E o consultor e palestrante Gilberto Lima Jr falará sobre o futuro do comércio. "Em países em desenvolvimento como o nosso, com tamanha exclusão digital, ainda teremos uma transição para o fidigital — físico com digital — até que tudo se torne predominantemente virtual", destaca. Segundo o palestrante, quando isto acontecer, "as lojas físicas virarão meros centros de

entregas das grandes, e por isso, o setor de logística é o que mais vai crescer nos próximos anos".

O evento será transmitido ao vivo pelo site do *Correio* (www.correio braziliense.com.br) e pelas redes sociais do jornal (Twitter, Facebook e YouTube). A mediação será de Vicente Nunes, editor executivo do *Correio Braziliense*. A preparação do espaço físico seguiu todas as normas do Ministério da Saúde, com a capacidade de convidados reduzida, visando garantir a segurança de todos os participantes. (FS)

Twitter lança ferramenta que combate fake news

As redes sociais começam a se preparar para um ano que promete ser turbulento em países como o Brasil. Com a eleição presidencial, a praga das fake news tende a se alastrar em plataformas como Twitter, Instagram, Facebook e WhatsApp. Ontem, o Twitter confirmou que, a partir de agora, usuários de Brasil, Espanha e Filipinas terão acesso a uma ferramenta que permite a denúncia de conteúdos mentirosos sobre política e saúde, dois temas que, resalte-se, estarão em máxima evidência ao longo de 2022. O projeto estreou em agosto do ano passado nos Estados Unidos, na Austrália e na Coreia do Sul. Desde então, foram feitas cerca de 3 milhões de denúncias. Também em 2021, o Twitter criou um programa chamado Birdwatch, em que usuários escrevem conteúdos para refutar tuítes enganosos. Enquanto o Twitter avança, o WhatsApp regride. O aplicativo avalia derrubar os limites de mensagens em grupos, que, em 2018, contribuíram para a disseminação de mentiras durante a campanha eleitoral.

LIONEL BONAVENTURE



RAPIDINHAS

- » A Avenue, corretora sediada nos Estados Unidos, mas com foco no público brasileiro, entrou no ramo de ensino. A empresa lançou a Avenue Academy, escola de educação continuada que oferece aulas por assinatura sobre investimentos internacionais. A mensalidade custa R\$ 59,90 e os cursos são abertos a qualquer pessoa.
- » O mundo corporativo aperta o cerco contra os não vacinados. A Apple exigirá, a partir de 24 de janeiro, que seus funcionários apresentem comprovantes de vacinação contra a covid-19. Quem não tiver o documento será obrigado a fornecer testes negativos para ingressar nos locais de trabalho. Amazon e Google adotaram medidas semelhantes.
- » O Grupo SBF, controlador da rede varejista Centauro e da operação de distribuição da Nike no Brasil, se uniu à startup especializada em tecnologia Sportheca para a criação da plataforma OneFan, que vai explorar o universo do futebol no mundo digital. O valor do investimento no projeto não foi revelado.
- » O mercado automotivo iniciou 2022 com o freio de mão puxado. Segundo dados apurados pela Agência Autoinforme, foram emplacados 58,8 mil carros na primeira metade de janeiro, o que representa uma queda de 24% em relação ao mesmo período de 2021. A média diária de vendas registrada no início do mês é a pior dos últimos 15 anos.

US\$ 105,1 bilhões

foi o saldo positivo da balança comercial do agronegócio brasileiro em 2021, conforme dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea). O número representa um avanço de 20% sobre 2020